

# A HISTORIOGRAFIA BRASILEIRA E A NOÇÃO DE 'PODER DISCIPLINAR'

*Fabio Gutemberg Ramos Bezerra de Sousa\**

## INTRODUÇÃO

Em projeto de doutorado, especificamente no item "Crítica bibliográfica - A cidade na Historiografia"<sup>110</sup>, utilizo uma tipologia para caracterizar quatro entradas a partir das quais a cidade tem sido estudada pela historiografia brasileira: "Cidade do progresso/modernização", "Cidade do capital", "Cidade do espetáculo" e "Cidade da disciplina"<sup>111</sup>. Na discussão sobre a "cidade disciplinar" comento, superficialmente, alguns estudos realizados no Brasil inspirados fundamentalmente em duas obras do filósofo francês Michel Foucault: "Microfísica do poder" e "Vigiar e punir"<sup>112</sup>. São os trabalhos "Do cabaré ao lar", de Margareth Rago, "Os excluídos da rua: ordem urbana e cultura popular", de Robert Moses Pechman e "Imagens do conforto: a casa operária nas primeiras décadas do século XX em São Paulo", de Marisa V.T. Carpintéro<sup>113</sup>.

Aqui, penso retomar a discussão feita com dois destes autores com o objetivo de acrescentar alguns comentários às reflexões do projeto.

---

\* Professor do Departamento de História e Geografia da UFPb, Campus II; doutorando em história (Unicamp).

<sup>110</sup> SOUSA, Fabio Gutemberg R. B. de. *Campina Grande: Culturas e Reforma Urbana nos Anos 1930 e 1940*, projeto apresentado ao Programa de Doutorado em História da UNICAMP, 1996/1997, pp. 14-20.

<sup>111</sup> Utilizo no projeto uma tipologia presente em DINIZ, Fernando Moreira. *A Construção de Uma Cidade Moderna: Recife (1909-1926)*, pp. 11-45. Acrescento, porém, a noção de "Cidade do progresso/modernização".

<sup>112</sup> FOUCAULT, Michel. *Vigiar e Punir*. Rio de Janeiro: Vozes, 1977 e *Microfísica do Poder*. (org.) Roberto Machado. 4 ed. Rio de Janeiro: Graal, 1984.

<sup>113</sup> RAGO, Margareth. *Do Cabaré ao Lar: A Utopia da Cidade Disciplinar*. Brasil - 1890-1930. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1985; PECHMAN, Roberto Moses. *Os Excluídos da Rua: Ordem Urbana e Cultura Popular*. In Stella Bresciani. (Org.). *Imagens da Cidade*, pp. 29-34; e CARPINTÉRO, Marisa V.T. *Imagens do conforto: a casa operária nas primeiras décadas do século XX em São Paulo*. In Stella Bresciani. (Org.). *Imagens da Cidade: Séculos XIX e XX*, pp. 123-146.

Antes de passar adiante, considero necessário fazer um esclarecimento preliminar. A discussão que ora proponho não é das mais simples, o que significa que em um trabalho como este corre-se o risco de cometer algumas injustiças com as obras comentadas; principalmente, corre-se o risco da simplificação e caricaturização de obras que são quase sempre resultado de longas pesquisas, árduo trabalho, angústias e, muitas vezes, de disputas e discussões políticas e teórico-metodológicas no seio da academia. Só para colocar um rápido exemplo da complexidade da questão, diria que uma obra (acho que qualquer obra, embora umas mais outras menos) é resultado de um conjunto de "movimentos" e ações que muitas vezes não chegam ao conhecimento do público leitor. Isto faz com que seus críticos e comentaristas sejam comumente alvos de ataques (ou por parte do próprio autor, ou dos que acompanharam sua trajetória na produção da obra), sendo acusados de não terem percebido aspectos e dimensões que a obra que vem a público não deixa facilmente transparecer.

Reconheço este risco e o considero importante, mas, por outro lado, isto ocorre com qualquer obra que venha a público, e é algo que dificilmente pode ser totalmente superado, não devendo ser motivo para inviabilizar o exercício. De qualquer forma, fica esclarecido ao leitor que tenho clareza dos riscos que corro e das possíveis injustiças que venha a cometer.

Após estes esclarecimentos iniciais, eis o mapa do texto. No primeiro item, discuto, em linhas gerais, as idéias e pressupostos que deram origem ao que estou denominando neste trabalho de "modelo"<sup>14</sup>, ou pressupostos teórico-metodológicos que trabalham com as noções de 'poder e cidade disciplinar'; no segundo, tento acompanhar em "Do cabaré ao lar", de Margareth Rago, a forma como a historiografia brasileira incorporou no início dos anos 1980, a noção foucaultiana de 'poder disciplinar', transformando-a em um 'modelo'; no terceiro item, discuto "A construção de um sonho", de Marisa V.T. Carpintéro, fundamentalmente com o objetivo de mostrar um segundo momento da recepção de Foucault entre historiadores brasileiros, momento em que sua obra já é parte do *establishment* acadêmico.

---

<sup>14</sup> Estou denominando de "modelo" um conjunto de obras e/ou conceitos a partir dos quais passa-se a elaborar estudos sobre temáticas similares ou não, que os utiliza como referência. Rago (1995:68), utiliza a noção de "sistema de pensamento" para caracterizar uma certa tradição do pensamento marxista.

quando sugiro que o 'modelo' passa a ser reproduzido sem os cuidados iniciais, dando origem a obras que pouco acrescentam ao conhecimento já acumulado; e por fim, no quarto item, discuto rapidamente algumas críticas de Marshall Berman e, principalmente, de Michel de Certeau à noção foucaultiana de 'poder disciplinar'.

## FOUCAULT E A CONSTRUÇÃO DA SOCIEDADE DISCIPLINAR MODERNA

O objetivo deste item é compreender em linhas gerais as idéias e pressupostos que deram origem ao que estamos denominando neste trabalho de "modelo", ou pressupostos teórico-metodológicos, a partir dos quais diversos historiadores e cientistas sociais passaram a pensar temáticas de seu interesse.

De uma forma geral, a matriz do que aqui denomino de "modelo" encontra-se principalmente em torno do pensamento de Foucault sobre a dimensão disciplinar da sociedade moderna (especialmente em suas obras "Vigiar e punir" e "Microfísica do poder"), mas a noção de sociedade disciplinar terminou por ser ampliada por trabalhos de seus seguidores ou por ele coordenados. Os exemplos mais significativos são "As maquinarias inglesas do conforto", de François Béguin, e "Saberes e odores", de Alain Corbin<sup>115</sup>. É fundamentalmente em torno de obras destes três autores que as idéias e teses dos trabalhos de Margareth Rago e Marisa Carpintéro vão ser constituídas.

A idéia central que norteia a crítica de Foucault ao advento da sociedade moderna, vista como uma sociedade disciplinar, termina pondo em cheque uma das dimensões fundamentais do pensamento iluminista, que é a do advento da sociedade moderna como uma sociedade democrática, fundamentada nos princípios dos direitos universais do homem, garantidos por instituições que limitavam os poderes absolutos dos reis do Antigo Regime. Fazendo uma leitura na contramão do pensamento iluminista e/ou dos seus difusores, Foucault vai explicitar como surge no mundo moderno, a partir de instituições basilares, um conjunto de mecanismos disciplinares que, na sua ótica, ao invés de tornar os indivíduos livres, passa a controlá-los nos seus

---

<sup>115</sup> BÉGUIN, François. *Les Machineries du Confort* In *Recherches*, no 29:186, L'aleine des Faubour, Paris, 1977; CORBIN, Alain. *Saberes e Odores*. O Olfato e o Imaginário Social nos Séculos Dezoito e Dezenove. São Paulo: Cia das Letras, 1987.

mínimos movimentos. E o que vemos em passagem de "Vigiar e punir".

*"O sonho de uma sociedade perfeita é facilmente atribuído pelos historiadores aos filósofos e juristas do século XVIII, mas há também um sonho militar da sociedade: sua referência fundamental era não ao estado da natureza, mas às engrenagens cuidadosamente subordinadas de uma máquina, não ao contrato primitivo, mas às coerções permanentes, não aos direitos fundamentais, mas aos treinamentos indefinidamente progressivos, não à vontade geral mas à docilidade automática".*<sup>116</sup>

A percepção de que a sociedade moderna foi enredada por um conjunto de mecanismos/dispositivos disciplinares que encontram-se presentes em todos os lugares e espaços institucionais, inclusive modelando o próprio corpo dos indivíduos, e de que esta rede de poder se constitui principalmente entre os séculos XVIII e XIX na Europa, terminou inspirando historiadores brasileiros na busca de temas similares na nossa sociedade, o que desembocou em estudos sobre a dimensão disciplinar do advento da industrialização e da sociedade moderna no Brasil, especificamente sobre as políticas habitacionais voltadas para o operariado, em cidades como o Rio de Janeiro e São Paulo<sup>117</sup>.

Mesmo correndo o risco de caricaturar uns e outros, o que nos parece ter ocorrido foi o seguinte: os estudos de Margareth Rago (1985) e Marisa Carpintéro (1997), inspirados nessa nova leitura da sociedade moderna procuram se distanciar dos modelos até então dominantes no seio da historiografia e academia brasileiras nos anos 1980, mais especificamente de um marxismo voltado para a dimensão econômico-social da sociedade<sup>118</sup>. Neste, como se sabe, predomina

<sup>116</sup>FOUCAULT, Michel. Vigiar e Punir. Rio de Janeiro: Vozes, 1977, p. 151.

<sup>117</sup> As noções de 'poder disciplinar' e 'sociedade disciplinar' estão presentes também em estudo sobre outras cidades brasileiras, ver por exemplo, PONTE, Sebastião Rogério. Fortaleza Bell'Époque: Reformas Urbanas e Controle Social (1860-1930). Fortaleza: Fundação Demócrito Rocha/Multigraf Ed. Ltda, 1993.

<sup>118</sup> Segundo Rago, "Indubitavelmente presos a um sistema de pensamento que nos havia organizado tão adequadamente o mundo, ao longo das décadas de 60 e 70, localizando de um lado, as classes sociais e os seus conflitos nas inúmeras formas assumidas pelas relações sócio-

uma gama de conceitos, ou uma visão dos fatos históricos e da sociedade, que privilegiam a dimensão econômica, vista como determinante para a compreensão dos fatos e conflitos sociais. No geral, nesta leitura, predomina a noção de modo de produção, em que a sociedade é vista fundamentalmente a partir das contradições entre as forças produtivas e as relações de produção, movimento que explicaria as mudanças fundamentais na sociedade.

Tudo posto, nos parece que esta leitura marcadamente economicista da sociedade -já que é o capitalismo com a sua lógica do lucro e da extração da mais-valia que passa a reger formal ou informalmente todas as atitudes dos indivíduos, ou melhor, das classes -, vai ser posta em cheque por ser explicitamente unilateral e ver todas as ações, atitudes e instituições a partir de um prisma econômico e social; inclusive a própria cultura, pensada a partir deste prisma, não vai passar de um reflexo da infra-estrutura econômica<sup>119</sup>.

Pode-se, agora, indagar sobre o que o "modelo" da sociedade disciplinar modifica ou acrescenta ao "modelo" marxista, que privilegia a dimensão econômica e social.

Em linhas gerais, ele continua com uma visão crítica da sociedade moderna, burguesa, só que ao invés de se voltar para a investigação do caráter injusto da distribuição das riquezas na sociedade e para a dimensão econômica de seu advento, estes trabalhos se voltam para a compreensão dos mecanismos que vão tornar possível e aceitável a dominação e exploração a que os trabalhadores e pobres estão sendo submetidos, ou seja, os mecanismos disciplinares que através de instituições como a escola, a família e a fábrica vão, paulatinamente, enredando a vida dos trabalhadores em todos os espaços possíveis de circulação, seja o local de trabalho, a moradia, o lazer, etc.

---

econômicas, vigentes no modo de produção dominante no interior de nossa formação social; e de outro, munindo-nos com as intrincadas tarefas teóricas da 'síntese das múltiplas determinações', havíamos esquecido de ler, no próprio Marx, que o passado pesa e oprime 'como um pedacelo do cérebro dos vivos' e que, sobretudo enquanto historiadores, deveríamos compreender o momento do acerto de contas e 'alegremente' despedirmo-nos do passado" (grifo meu) In *Tempo Social; Rev. Sociol. USP*, São Paulo, 7(1-2), 68, outubro de 1995.

<sup>119</sup> Cf. bibliografia discutida na disciplina "Teoria e Métodos em História Social do Trabalho I" em que se questiona os postulados básicos da Social History, especialmente, APPLEBY, Joyce; JACOB, Margareth & HUNT, Lynn. *Postmodernism and the Crisis of Modernity*; JOYCE, Patrick. *History and Post-Modernism e The End of Social History?*; CHARTIER, Roger. *Le Monde Comme Representation*; e LA CAPRA, Dominick. *Rethinking Intellectual History and Reading Texts*.

Nesta leitura, as teias em que os trabalhadores vão ser enredados não provêm apenas da burguesia e muitas vezes nem principalmente dela, mas do discurso e práticas discursivas de um conjunto de profissionais que estão surgindo ou se constituindo enquanto detentores de um saber, que se arvora em científico e neutro e que lhes dão uma posição privilegiada para interferir de forma racional e científica em 'problemas' que acometiam a sociedade e mais especificamente, os trabalhadores. São os novos mandarins da sociedade moderna: médicos sanitaristas e higienistas, engenheiros, arquitetos, psicólogos e sociólogos.

Para explicitarem como estes profissionais vão chegar a desempenhar tão significativo papel na sociedade, Rago e Carpintéro vão devassar as instituições em que atuavam, descobrindo que o saber que informa seus diagnósticos sobre os 'problemas' que a sociedade enfrenta se constitui a partir de princípios e métodos que têm na disciplina o seu fundamento. É um saber que constitui e é constituído por um poder disciplinar que se espalha na sociedade pelos mais imprevisíveis lugares e espaços, inclusive os aparentemente mais insignificantes e corriqueiros (como o trabalho, a moradia, a escola, o lazer, etc.), a ponto de todos serem enredados pelo mesmo e dele não poderem escapar. A sociedade como um todo se transforma paulatinamente em uma grande teia/maquinaria disciplinar que envolve todos em suas engrenagens, lubrificadas por uma infinidade de mecanismos que sempre e sempre mais repõem a sua lógica.

É interessante notar que, diferentemente da matriz (fundamentalmente de Foucault), as autoras vão explicitar que a tentativa por parte de empresários, higienistas e engenheiros de impor determinadas regras e hábitos com vistas ao controle e domesticação dos trabalhadores vai enfrentar a resistência desses que vão elaborar um contra-discurso, denunciando as mais diversas formas de exploração e domesticação a que tentavam submetê-los.

No geral, esta preocupação com um grupo específico, como a classe operária, os trabalhadores, não aparece tão diretamente na matriz que, quando muito, faz referência à disciplinarização dos 'pobres' ou dos trabalhadores como um aspecto/dimensão da

cidade disciplinar<sup>120</sup>. Isto, no entanto, é tema para a discussão dos itens seguintes.

## “DO CABARÉ AO LAR”, A MUNDIALIZAÇÃO DO SABER DISCIPLINAR OU A MUNDIALIZAÇÃO DE UM ‘MODELO’?

Começemos pelo trabalho de Margareth Rago, “Do cabaré ao lar. A utopia da cidade disciplinar. Brasil - 1890-1930”, que é ao mesmo tempo um pioneiro e um clássico na historiografia brasileira no seio da discussão sobre a sociedade disciplinar<sup>121</sup>, que teria sido instituída no Brasil com a implantação da República.

Na Apresentação da obra, feita por Edgar De Decca, o leitor toma conhecimento do caminho metodológico que a autora seguirá, que é o da aproximação de dois autores de orientações teórico-metodológicas diversas, como reconhecem o apresentador e a própria Rago<sup>122</sup>. É a partir da aproximação da obra de Thompson e Foucault que Rago vai recortar seu objeto, assim explicitado por De Decca:

*“Para Thompson, as classes trabalhadoras são sujeitos de sua própria história, e por isso, a ênfase dada a questão da experiência de classe e do fazer (making) de uma cultura de classe. Com os seguidores de Foucault desloca-se significativamente o eixo da experiência e/ou da cultura das classes trabalhadoras, acentuando-se o significado da ação disciplinar de inúmeros agentes sociais na produção do cotidiano e da identidade dos trabalhadores, através da criação das instituições basilares da sociedade, tais como a família nuclear, a escola e a fábrica”.*<sup>123</sup>

<sup>120</sup> FOUCAULT, Michel. *O Nascimento da Medicina Social*. In *Microfísica do Poder*. Op. cit., pp. 79-98.

<sup>121</sup> As primeiras obras brasileiras (que temos conhecimento) inspiradas em Foucault, produzidas ainda nos anos 1970, não foram escritas por historiadores, cf. MACHADO, Roberto et alii. *A Da(n)ação da Norma: Medicina Social e a Constituição da Psiquiatria no Brasil*. Rio de Janeiro: Graal, 1978; e COSTA, Jurandir Freire. *Ordem Médica e Norma Familiar*. Rio de Janeiro: Graal, 1979.

<sup>122</sup> Cf. Introdução de Margareth Rago, Op. cit. 1985.

<sup>123</sup> Idem, p. III.

O diálogo entre Thompson e Foucault é explícito, como se vê. No entanto, não tenho dúvidas de que ele pende mais para um lado, facilmente verificado logo nos primeiros parágrafos da Introdução<sup>124</sup>. O problema é inicialmente colocado com a reprodução de trechos e falas de membros da elite dominante que habitavam a Capital Federal, entre as últimas décadas do XIX e as primeiras do XX, e que viam entre estarecidos e revoltados (ou mesmo temerosos) o afluxo de imigrantes e a expansão e/ou proliferação de hábitos perniciosos para a 'sociedade' carioca do período.

Após reproduzir trechos de época que demonstram o temor das elites e dos governantes com tamanha proliferação de vícios e práticas condenáveis, assim se coloca Rago:

*"Indícios de uma anormalidade social, as práticas populares de vida e lazer dos trabalhadores fabris, dos improdutivos, dos pobres, das mulheres públicas, das crianças que vagueiam abandonadas nas ruas vão se tornando objeto de profunda preocupação de médicos-higienistas, de autoridades públicas, de setores da burguesia industrial, de filantropos e reformadores sociais, nas décadas iniciais do século XX".*<sup>125</sup>

A partir das constantes adjetivações que acionam e constituem imagens negativas de certas práticas e atitudes de trabalhadores e não trabalhadores, a autora vai perceber nisto a *"formação nos inícios da industrialização no Brasil ... [de] uma vasta empresa de moralização"*, que teria como objetivo/eixo principal, *"a formação de uma nova figura do trabalhador, dócil, submisso, mas economicamente produtivo (...) a tentativa de domesticação do operariado passa pela construção de um novo modelo de comportamento e de vida, que se tenta impor aos dominados"*.

<sup>124</sup> Não só em *Do Cabaré ao Lar*, mas sobretudo em seus trabalhos posteriores Rago terminou aproximando-se cada vez mais das idéias centrais do pensamento de Foucault, o que significou também redefinições na sua leitura do filósofo francês: *Os Prazeres da Noite: Prostituição e Códigos da Sexualidade Feminina em São Paulo*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1991; *As Marcas da Pantera: Foucault para Historiadores*. In *Revista Resgate*, n. 5, Campinas, São Paulo: Centro de Memória/Papirus, 1993, pp. 22-32; e *O Efeito-Foucault na Historiografia Brasileira*, Op. cit.

<sup>125</sup> RAGO, Margareth. *Do Cabaré ao Lar. A Utopia da Cidade Disciplinar*. Brasil (1890-1930). Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1985, p. 12.

O objetivo principal compõe um projeto de disciplinarização da vida dos trabalhadores dentro e fora das fábricas, inclusive em suas atividades aparentemente mais livres, como nos momentos de lazer.

*"O projeto de integração do proletariado é de suas famílias ao universo dos valores burgueses, domesticação literal que a imagem projetiva de 'bárbaros' justifica, desdobra-se em múltiplas estratégias de disciplinarização: mecanismos de controle e vigilância que atuam no interior da fábrica, mas também fora dela. Que perseguem o trabalhador em todos os momentos de sua vida, até nas horas de lazer, buscando redefinir sua maneira de pensar, de sentir, de agir e erradicar práticas e hábitos considerados perniciosos e tradicionais".*<sup>126</sup>

Mas a teia em que médico-higienistas e empresários pensam enredar a classe operária emergente, a ponto de tentarem expandir seus fios pelos lugares e momentos mais recônditos de suas vidas, essas "utopias reformadoras", como as denomina Rago, terminam enfrentando

*"...as resistências tenazes de trabalhadores que preservam suas tradições, sistemas de valores e costumes, que valorizam sua atividade profissional, que cultuam seus santos, que possuem todo um código de representações simbólicas."*<sup>127</sup>

A incorporação de idéias claramente thompsonianas no trabalho de Rago termina tendo o papel de relativizar ou redefinir o projeto de disciplinarização dos dominantes sendo, portanto, o momento de inflexão do 'modelo' que a autora vai construir ao longo dos quatro capítulos em que se divide a obra. Apesar dos três capítulos iniciais comporem parte de uma obra que tenta ver o surgimento da classe operária a partir do que estou denominando de 'modelo', nos voltaremos mais para o IV, intitulado "A desodorização do espaço urbano", que é onde percebemos mais enfaticamente a sua força ou a colocação das idéias fundamentais da matriz, que é o projeto

---

<sup>126</sup> Idem, p.12.

<sup>127</sup> Idem, p.13.

disciplinar que se espalha por São Paulo e Rio de Janeiro no início da industrialização.

No quarto capítulo, vemos o projeto de disciplinarização, após ter-se “imposto” na fábrica (vê capítulo I, “Fábrica satânica X fábrica higiênica”), ser ampliado no sentido de atingir a moradia da classe trabalhadora, o que pode ser percebido no seu parágrafo de abertura.

*“A habitação do pobre não escapará ao desejo de disciplinarização do proletariado manifestado pelos dominantes. Na moradia operária, a burguesia industrial, os higienistas e os poderes públicos visualizam a possibilidade de instaurar uma nova gestão da vida do trabalhador pobre e controlar a totalidade dos seus atos ao organizar a fina rede das relações cotidianas que se estabelecem no bairro, na vila, na casa e, dentro desta, em cada compartimento. Destilando o gosto pela intimidade confortável do lar, a invasão da habitação popular pelo olhar vigilante e pelo olfato atento do poder assinala a intenção de instaurar a família nuclear moderna, privativa e higiênica, nos setores sociais oprimidos”.*<sup>128</sup> (Grifos meus)

É a tentativa de imposição de uma nova forma de comportamento aos trabalhadores por parte de higienistas, técnicos, empresários e poder público que vamos ver se conformar nas cidades do Rio de Janeiro e São Paulo entre o final do século XIX e as primeiras décadas do XX. Esse projeto de disciplinarização dos trabalhadores vai ser acompanhado por Rago nos mesmos termos que encontramos nos trabalhos anteriormente referidos de Foucault, Béguin e Corbin. A intervenção de higienistas e arquitetos nos locais de moradia e lazer do trabalhador, do pobre tem como objetivo fundamental criar, a partir da normatização, hábitos e atitudes que contribuam para a domesticação e docilidade do trabalhador, afastando-o de todas as atividades costumeiras que possam vir a desencadear atitudes rebeldes e a contestação política do domínio de empresários e patrões, tornando aqueles dóceis e produtivos.

---

<sup>128</sup> Idem, p. 163.

A obtenção de um trabalhador dócil e produtivo vai ser perseguida através da constituição de uma complexa e envolvente maquinaria de dispositivos que vai, paulatinamente, envolvendo os trabalhadores em seus mecanismos. Mecanismos que por serem inseridos em suas vidas de forma sutil, como por exemplo, através do conforto das habitações higiênicas, terminariam por interferir nos antigos comportamentos dos trabalhadores que procuravam sempre na vida errante dos cabarés e bares uma fuga das agruras enfrentadas cotidianamente com uma morada fétida, doentia e com a família que vivia entre a miséria, a sujeira e a promiscuidade em ambientes fechados e anti-higiênicos.

Na conclusão, assim Rago sintetiza o objetivo do projeto de disciplinarização que os dominantes tentam impor aos trabalhadores:

*“Um projeto de domesticação da classe operária constitui-se nas décadas iniciais do século no país. Através de múltiplos campos do social, mas fundamentalmente no interior da fábrica e da habitação, as classes dominantes desenvolveram inúmeras estratégias de disciplinarização do trabalhador, visando compor uma nova figura, moralizada e produtiva, de acordo com suas exigências classistas”.*<sup>129</sup> (Grifos meus)

Nos quatro capítulos que compõem “Do cabaré ao lar”, é bom lembrar, ao projeto de dominação que tentam impor à classe operária, opõe-se um conjunto de práticas e resistências dos trabalhadores, denominados de ‘contra-poderes’ que, capitaneados pelo projeto anarquista de sociedade, vão denunciar as tentativas burguesas de controle e domesticação do trabalhador, colocando como alternativas idéias de autogestão das fábricas, uma pedagogia libertária para a formação do homem novo e “imagens libertárias da cidade do futuro”, o que nos leva a perceber que a constante disciplinarização a que era submetido o operariado é parte de um projeto que vai enfrentar resistências na sua consecução e que, penso, coloca possibilidades de organização social alternativas, relativizando e/ou diminuindo a eficácia da sufocante maquinaria de controle e domesticação dos trabalhadores, que vimos durante todo o trabalho ser

---

<sup>129</sup> Idem, p. 205.

montada e azeitada pela autora e seus discursos e práticas discursivas, dispositivos, mecanismos, estratégias, técnicas, etc. do poder disciplinar que constitui um saber ou saberes que remontam ao final do século XVIII na Europa e que, principalmente, se espraiam pelo mundo Ocidental e pelas regiões e povos por aquela colonizada.

Como vimos argumentando desde o início deste texto, o trabalho de Rago termina por moldar um arcabouço teórico-metodológico que tem em Foucault o seu principal expoente e em Béguin e Corbin seus seguidores, arcabouço elaborado no seio da crítica ao advento da sociedade moderna e seus múltiplos mecanismos de normatização da vida dos indivíduos. Não é difícil perceber como a inflação e repetição constante de termos como mecanismo, dispositivo, tecnologia disciplinar, práticas e relações de poder, exercício de poder e saber fazem parte de uma forma/modelo de compreender o advento da sociedade moderna em que se denuncia que esta não inaugura um novo tempo de liberdade e autonomia do homem, tal qual prega o pensamento iluminista, mas, contrariamente, o torna prisioneiro de toda uma complexa rede de poderes, que é sobretudo disciplinar e a qual não se pode combater de fora porque ela envolve a todos na sociedade e se dissemina por todos os espaços e instituições sociais, modelando o próprio corpo, especialmente através de micropoderes presentes nas relações cotidianas no seio da família, escola, trabalho, lazer, arquitetura e organização do espaço.

A utilização deste referencial para analisar a constituição de duas cidades brasileiras entre o final do século XIX e o início do XX, especialmente a partir da constituição da classe operária e de como os higienistas, poderes públicos e empresários tentam controlá-la com a intervenção disciplinar em seu local de trabalho, de moradia e lazer, deve também ser compreendida no contexto do início dos anos 1980 quando a historiografia brasileira, em grande parte, ao se voltar para o mesmo período, só enxergava disputa e dominação coronelística e oligárquica, por um lado, e os limites, inconsciência, infância da classe trabalhadora emergente, por outro, construindo uma versão da história do Brasil como uma mera disputa inter-oligárquica em que grupos urbanos emergentes como os trabalhadores não desempenhavam nenhum papel ou, quando o faziam, não passavam de um papel subordinado, inconsciente e de adesão acrítica ou passiva à ideologia burguesa emergente.

É num contexto de revisão crítica de paradigmas dominantes na historiografia brasileira no início dos anos 1980 que devemos compreender a adesão de Rago e outros historiadores e cientistas sociais à noção foucaultiana de poder disciplinar.

## “A CONSTRUÇÃO DE UM SONHO” OU O ‘MODELO’ ALCADO A ESTABLISHMENT

É difícil ter a mesma condescendência ao analisar “A construção de um sonho: os engenheiros-arquitetos e a formulação de uma política habitacional no Brasil - 1917-1940”, de Marisa V.T. Carpintéro. Esta obra, resultado de dissertação de mestrado apresentada em 1990<sup>130</sup>, é composta de quatro capítulos e, diferentemente do trabalho de Rago comentado anteriormente, não tem mais como interlocutores principais a historiografia a que acima me referi, já que hoje, passados catorze anos desde a publicação de “Do cabaré ao lar” e outros trabalhos pioneiros influenciados por Foucault, uma certa vertente da historiografia marxista teve sua hegemonia bastante abalada no seio da academia ou dos interesses dos historiadores, que buscam caminhos alternativos e novos temas para serem investigados. Por seu lado, o trabalho de Carpintéro foi publicado em um contexto em que a obra de Foucault já não era tão marginal no seio da historiografia brasileira e das ciências sociais em geral, ao contrário, ela se tornara parte significativa do *establishment*, especialmente no mundo acadêmico<sup>131</sup>. Isto talvez explique a tosca utilização que faz da mesma, agora manuseada com menos cuidado e preocupação do que nos primeiros tempos.

Se tomarmos como exemplo a Introdução e o primeiro capítulo, intitulado “Construindo um problema: a habitação operária”, vamos descobrir ou constatar como a autora, estudando um período muito próximo ao de Rago, ou seja, os anos 1917 a 1940<sup>132</sup>, e uma temática também muito próxima, a intervenção de engenheiros e arquitetos na questão da habitação popular nas cidades do Rio de

<sup>130</sup> Cf. CARPINTÉRO, Marisa V.T., Op. cit., p.17.

<sup>131</sup> Entre a morte de Foucault, em 1984, e os dias de hoje, temos vários indícios da aceitação cada vez maior de sua obra no seio da academia brasileira, cf. **Recordar Foucault** é número especial de **Tempo Social**, Revista de Sociologia da USP, 7(1-2), outubro de 1995.

<sup>132</sup> O recorte cronológico de **Do Cabaré ao Lar** vai de 1890 a 1930, sendo que a autora comenta obras de toda a década de 1930.

Janeiro e São Paulo, termina por nos dizer pouco além daquilo que já havia sido aprendido com Rago, e mesmo as repetições não parecem ter os cuidados na manipulação/utilização dos conceitos como percebíamos no início.

Podemos iniciar o leitor pela pouco cuidadosa maquinaria construída por Carpintéro com a reprodução de um trecho em que chama atenção para os caminhos que lhe foram apontados pela documentação sobre a habitação popular, fio condutor do estudo.

*“Mais que um simples abrigo, a habitação apresentava-se, através dos discursos dominantes, como um espaço de formação e moralização do trabalhador. Inúmeros artigos publicados no boletim do Ministério do Trabalho, no decorrer da década de 1930, salientaram a importância dos financiamentos da construção popular como um elemento eficaz, no que se refere ao controle e à disciplinarização do trabalho fora da fábrica”.*<sup>133</sup> (Grifos meus)

Descoberta pouco original, se lembrarmos do que Rago já havia feito doze anos antes, com relação a higienistas, engenheiros, arquitetos, poder público e empresários, preocupados com a moradia popular desde o final do século XIX, e intervindo na mesma de forma ostensiva, principalmente nas décadas iniciais do século XX. Menos original ainda se lembrarmos do trabalho de Béguin, “As maquinarias inglesas do conforto”, publicado em 1977, que inspirado em pesquisas e obras elaboradas por Foucault, apontava na mesma direção ao analisar as propostas de intervenção no espaço urbano e sobretudo na moradia dos pobres surgidas na Inglaterra como decorrência das pesquisas realizadas na década de 1840 por Chadwick.<sup>134</sup>

Porém, para o leitor não se entediar com comentários assaz negativos para com obra de tão atraente título, retomarei Carpintéro comentando a intenção de engenheiros com seus projetos de intervenção na habitação em São Paulo (1º Congresso).

*“Isto porque em todas as discussões técnicas, encontramos uma acentuada preocupação com*

<sup>133</sup> Carpintéro, Op. cit., p. 12.

<sup>134</sup> Cf. Béguin, Les Machineries Anglaises du Confort, Op. cit.

a valorização dos preceitos morais e higiênicos que, segundo urbanistas, constituíam elementos fundamentais para a formação do trabalhador”.<sup>135</sup> (Grifos meus)

Sem tirar nem por é conclusão idêntica à de Béguin no texto acima referido. Mas, capturemos mais explicitamente o acompanhamento pouco crítico da matriz do ‘modelo’ na passagem em que autora explicita os estudos em que fundamentou o seu trabalho. É no seu comentário-síntese sobre o primeiro e pouco original capítulo<sup>136</sup>:

“Neste capítulo, discutimos de que maneira e em que momento a habitação operária passou, através do discurso dominante, a representar um elemento importante para o desenvolvimento industrial.

Para tanto, realizamos uma incursão nas leituras que trataram de focalizar a metropolização no final do século XVIII em países europeus, mais especificamente nas cidades de Londres e Paris. Estes estudos apontaram a presença dos médicos e higienistas que, a partir de suas observações no meio urbano, indicaram os locais considerados ‘prejudiciais’ para o desenvolvimento da cidade industrial. Conforme estes profissionais, os cemitérios, hospitais, matadouros e a moradia da população pobre representavam os lugares infectos da cidade. Com o pressuposto de que o ‘meio ambiente’ é o responsável pela vida, pela saúde e pela formação dos indivíduos, estes intelectuais discutiram a importância do espaço da moradia como elemento eficaz para a formação dos hábitos e costumes da população pobre”.<sup>137</sup>

<sup>135</sup> Carpintéro, Op. Cit., p.13.

<sup>136</sup> Considero o capítulo I pouco original porque ele basicamente reproduz idéias e informações presentes em trabalhos de Bresciani, Foucault, Béguin, Corbin e Choay.

<sup>137</sup> Idem, p. 16.

Este capítulo, como a própria autora explicita, faz uma incursão em obras que trataram da metropolização no final do século XVIII e no século XIX em Londres e Paris, mas o faz, convenhamos, de forma a incorporar acriticamente estas leituras que vão servir de referência para o estudo do problema da habitação operária no Brasil, criado a partir dos mesmos preceitos por engenheiros e arquitetos e com os mesmíssimos objetivos, deixando-nos a impressão de que, apenas com o sinal trocado, os marxistas que viam o advento do modo de produção capitalista através de uma perspectiva macro-econômica tinham razão ou estavam de todo certo, já que não se observa o que pode haver de singular, diferente nas relações e práticas culturais locais, ou seja, no Brasil.

A autora ainda reproduz no primeiro capítulo, muitas vezes toscamente, idéias presentes em trabalhos de Bresciani, Béguin, Foucault, Corbin e Choay. É o espaço da construção do "sistema de pensamento" (expressão de Rago, 1995:68) que vai guiar a autora pelos três capítulos seguintes, em que vai discutir "*a atuação de engenheiros e arquitetos que, baseados nos fundamentos do urbanismo moderno, tentaram solucionar o problema habitacional da década de 1930 no Brasil*"; faz uma discussão sobre o "*campo da técnica de construção econômica*"; e, por último, discute como "*a concepção de cidade e habitação do ponto de vista técnico contrapõe-se à concepção dos trabalhadores urbanos*"<sup>138</sup>, sendo neste último capítulo a parte em que diz algo que me parece novo e diferente, que é a aproximação dos projetos dos técnicos (que na maior parte do trabalho são vistos como possuidores de um saber estratégico e com o objetivo de controle e domesticação dos trabalhadores) com preocupações comuns às dos moradores dos bairros operários. "*o direito de morar, trabalhar e recrear, mas acima de tudo, de viver na cidade do trabalho*"<sup>139</sup>.

Podemos retomar uma passagem do trabalho de Carpintéro para observar como ela percebe/lê a expansão para a América e o Brasil de problemáticas que localiza na Europa do final do século XVIII.

*"Como na França, na Inglaterra e nas demais cidades da Europa, a questão urbana passa a*

<sup>138</sup> Idem, p.16-17.

<sup>139</sup> Idem, p.17.

*constituir um problema para as cidades das 'américas', inclusive do 'Brasil'. Entre estes problemas, a "habitação popular" destaca-se como um dos principais aspectos de discussão dos diferentes programas de intervenção na cidade".*<sup>140</sup>

Talvez a autora tenha lá suas razões para perceber de forma tão simples a mundialização da questão urbana ou de um saber urbano, pois poderia argumentar entre outras coisas que técnicos brasileiros eram formados na Europa; ou que acompanhavam através de visitas, congressos, etc. o que era discutido, realizado e proposto em termos de moradia popular; ou ainda, tinham acesso a projetos e leituras que proporcionavam a incorporação desse saber; ou outra possibilidade: os próprios técnicos, engenheiros e arquitetos europeus, participaram de projetos urbanísticos de algumas cidades brasileiras que estavam sendo urbanizadas segundo os últimos preceitos arquitetônicos europeus<sup>141</sup>. Tudo isto é possível e ocorreu em certo sentido, mas considero que outras mediações deveriam ser feitas, embora estas não façam parte do 'modelo'.

Antes de passar adiante e problematizar de forma mais sistemática os trabalhos de Rago e Carpintéro, discutindo alternativas às suas formulações, considero necessário retomar alguns argumentos que venho insistindo em colocar desde o início deste trabalho. É possível escrever um trabalho na nossa disciplina, ou em qualquer outra da área de humanas, que prescindam de um modelo ou referencial teórico-metodológico? Ou para sermos menos duros, que prescindam de um conjunto de referências, categorias e conceitos?

Por onde quer que caminhemos nos dias de hoje na nossa labuta intelectual e /ou política (e as possibilidades e caminhos são muitos), é difícil encontrar alguém que ainda acredite na possibilidade de se escrever história sem ter, consciente ou inconscientemente, um conjunto de referências que o oriente, inclusive vindo de áreas as mais diversas como a sociologia, a antropologia, a filosofia, a crítica literária... (e, em breve, alguma outra que o século XX ainda não descobriu, mas que aparecerá tão logo nos descuidemos). Talvez o

---

<sup>140</sup> Idem, p.27.

<sup>141</sup> Estou me referindo principalmente à presença do arquiteto francês Bouvard, que esteve em São Paulo no início do século XX e avaliou projetos que participaram de um concurso sobre a urbanização do Vale do Anhangabaú.

problema que queiramos colocar não seja este, mas se aproxime um pouco de Thompson, ao colocá-lo nos seguintes termos: "a questão é, ao invés disso, como utilizar um modelo com propriedade?", ao que acrescenta,

*"A resposta, contudo, não é simples. Mesmo no momento de empregá-lo, o historiador precisa saber encará-lo com um ceticismo radical e manter-se aberto a respostas para evidências para as quais não tenha categorias. Na menor das hipóteses (...) devemos esperar por um delicado equilíbrio entre os procedimentos sintetizadores e empíricos, uma disputa entre o modelo e realidade".*<sup>142</sup>

Formulado em outros termos é claramente com outra perspectiva (em certos aspectos contrário à de Thompson), encontramos em Hayden White, cerca de doze anos após o texto de Thompson, a seguinte leitura sobre a utilização de modelos na nossa disciplina.

*"Pois reconheceríamos que não se trata de fazer uma escolha entre objetividade e distorção, mas entre diferentes estratégias para constituir a "realidade" no pensamento, de modo a lidar com ela de maneiras diferentes, cada uma das quais traz em si as suas próprias implicações éticas".*<sup>143</sup>

De uma perspectiva ou de outra a nossa questão persiste, a necessidade de problematizar a reprodução simples de modelos analíticos que fazem, quando muito, reproduzir *ad nauseum* descobertas, caminhos já trilhados em outras sociedades e culturas, acrescentando muito pouco ou nada ao conhecimento acadêmico e social, mesmo que muitas vezes se revistam de novidade.

Afinal, lembremos, não eram exatamente estas as críticas dirigidas ao marxismo, da petrificação de um modelo principalmente após ter-se transformado em *stablishment* no mundo acadêmico Ocidental? Críticas que eram e são bastante pertinentes, mas que deviam vez por outra cortar a própria carne.

<sup>142</sup> THOMPSON, E. P. *As Peculiaridades dos Ingleses*. Textos Didáticos, No. 10, Campinas: IFCH/UNICAMP, maio/1993, p. 83.

<sup>143</sup> WHITE, Hayden. *Trópicos do Discurso*. São Paulo: EDUSP, 1994, p.37.

## A 'DESCONSTRUÇÃO' DO MODELO NOS SEUS PRÓPRIOS TERMOS: A IDÉIA DE 'ANTIDISCIPLINA' EM MICHEL DE CERTEAU

Poderia iniciar este item retomando e reproduzindo trechos de Foucault, especialmente de "Vigiar e punir" e de "Microfísica do poder", em que a partir de estudos sobre a prisão e o nascimento da Medicina Social no final do século XVIII e início do XIX ele vê delinear-se uma rede/maquinaria do poder que através de instituições basilares (exército, hospitais, escolas) se espraia e arrebata toda a sociedade nos mais recônditos lugares onde se travam as relações entre os indivíduos, seja no lazer, no trabalho, na moradia, etc. Porém, não farei isto já que considero, para este exercício, por demais satisfeita a necessidade de reproduzir trechos que venham provar que existe um 'modelo' de análise da sociedade ora em voga que a compreende a partir da sua dimensão disciplinar.

Prefiro colocar algumas questões em torno do 'modelo', no sentido de chamar atenção sobre o que parece problemático na matriz, por um lado, e como sua recepção tem sido feita por historiadores brasileiros, por outro.

Para além da leitura na contramão que Foucault faz do advento da sociedade moderna (aspecto significativo de sua obra), vendo-a de uma perspectiva anti-iluminista, problematizando o discurso do progresso da humanidade que teria se instalado com o advento da modernidade e a percepção da sociedade moderna como sendo mais livre e democrática, interessa-nos especificamente a instauração de um novo tipo de poder que, segundo o próprio Foucault, transformava a sociedade moderna em prisioneira de um arsenal/maquinaria de poder do qual não se poderia fugir e para o qual não existiria um exterior de onde pudesse ser combatido e transformado. Essa maquinaria de poder não estaria apenas voltada para a repressão como comumente é vista pelo marxismo, mas, contrariamente, para a fabricação de indivíduos dóceis e produtivos, sendo pois seu alvo principal o trabalhador, o homem simples, o pobre que era acometido por um conjunto de vícios e de práticas que atentavam contra a moral burguesa emergente e que poderiam levar a insurreições e insubordinações que colocariam em risco o poder dominante.

Levando esse raciocínio ao extremo, conclui-se que o homem, ou trabalhador moderno, é um 'fabricação', construção do poder disciplinar; é lapidado por um emaranhado de dispositivos disciplinares e práticas discursivas que cada vez mais o 'normatiza', domestica, molda e constitui.

A crítica a esta visão sufocante e opressora do poder disciplinar é hoje feita a partir de perspectivas diversas. Por um lado, encontramos os que se distanciam do modelo da disciplina e o critica com termos que os colocam 'fora' de seu campo (o exemplo que utilizarei rapidamente é o de Marshal Berman<sup>144</sup>), mas, por outro lado, encontramos as críticas feitas nos mesmo termos do 'modelo', questionando-o de 'dentro' (é o que veremos com Michel de Certeau, em "A invenção do cotidiano"<sup>145</sup>).

Em discussão crítica sobre a modernidade em "Tudo que é sólido desmancha no ar", Berman comenta as implicações do pensamento do século XX na discussão da modernidade, chamando atenção para a pouca e pequena contribuição que teria dado para a sua radicalização. É no seio da crítica aos que estão abdicando do projeto da modernidade e de sua radicalização que Berman comenta a obra de Foucault, em especial a sua noção de poder disciplinar, que venho discutindo neste trabalho. Sobre a leitura de Foucault do advento da modernidade, diz Berman:

*"E o que ele (Foucault) tem a dizer é uma interminável, torturante série de variações em torno dos temas weberianos do cárcere de ferro e das inutilidades humanas, cujas almas foram moldadas para se adaptar às barras. Foucault é obcecado por prisões, hospitais, asilos, por aquilo que Erving Goffman chamou de 'instituições totais' ... porém nega qualquer possibilidade de liberdade, quer dentro, quer fora dessas instituições..."*

O poder total que está presente em toda a sociedade,

*"As totalidades de Foucault absorvem todas as facetas da vida moderna. (...) Nós pensamos*

<sup>144</sup> BERMAN, Marshall. *Tudo Que é Sólido Desmancha no Ar. A Aventura da Modernidade*. São Paulo: Cia das Letras, 1986.

<sup>145</sup> CERTEAU, Michel de. *A Invenção do Cotidiano*. Artes de Fazer. Rio de Janeiro: Vozes, 1987.

*que sentimos um espontâneo impulso de desejo sexual? Estamos apenas sendo movidos pelas modernas tecnologias do poder que tomam a vida como seu objeto', dirigidos 'pelo poder que dispõe da sexualidade em seu controle sobre os corpos e sua materialidade, suas forças, suas energias, suas sensações e prazeres...'*

E que impede qualquer 'sopro de vida'.

*"Submetidos a isso por um momento, percebemos que não há liberdade no mundo de Foucault porque sua linguagem compõe uma teia inconsútil, um cárcere mais constrangedor do que tudo o que Weber sonhou, no qual nenhum sopro de vida pode penetrar..."*

embora esteja obtendo adeptos, *"Estranho é que tantos intelectuais da atualidade parecem querer definhir lá dentro, com ele"*.<sup>146</sup>

De uma perspectiva diversa, pois discutindo em um campo muito próximo ao de Foucault, temos a crítica feita ao 'cárcere' por Michel de Certeau em "A invenção do cotidiano. Artes de fazer". Na concepção de história que esposa, Certeau vê com um certo estranhamento a história social francesa, principalmente sua vertente comprometida com a 'apreensão do "real" de que o historiador quer dar uma descrição verdadeira', noção que relativiza. Mas é exatamente a crítica a um aspecto fundamental do pensamento de Foucault, a idéia de poder disciplinar que chama atenção no trabalho de Certeau e contra o qual ele vai desenvolver um modelo de análise que dê conta do que denomina de 'rede de uma antidisciplina'. Esta estaria, por um lado, distante da perspectiva da história sócio-cultural que vê a resistência sempre subordinada à dimensão social e, por outro, distancia-se também de Foucault quando propõe, como alternativa ao estudo do poder disciplinar, a noção de 'antidisciplina'.

Recorramos a passagens do próprio texto de Certeau para compreender melhor os termos de sua crítica às noções de sociedade e poder disciplinar. Comentando o caráter inovador da questão colocada

---

<sup>146</sup> Berman, Op. cit., p. 33.

por Foucault em "Vigiar e punir", assim Certeau sintetiza o que considera ser um aspecto fundamental do texto:

*"Em Vigiar e punir Michel Foucault substitui a análise dos aparelhos que exercem o poder (isto é, das instituições localizáveis, expansionistas, repressivas e legais) pela dos 'dispositivos' que 'vampirizaram' as instituições e reorganizaram clandestinamente o funcionamento do poder: procedimentos técnicos 'minúsculos', atuando sobre e com os detalhes, redistribuíram o espaço para transformá-lo no operador de uma 'vigilância' generalizada".<sup>147</sup>*

Isto é, segundo Certeau, inovador, "no entanto mais uma vez, esta 'microfísica do poder' privilegia o aparelho reprodutor (da disciplina)", e comenta, "se é verdade que por toda parte se estende e se precisa a rede da 'vigilância', mais urgente ainda é descobrir como é que uma sociedade inteira não se reduz a ela", e provoca, sugerindo o caminho que pretende seguir,

*"que procedimentos populares (também 'minúsculos' e cotidianos) jogam com os mecanismos da disciplina e não se conformam com ela a não ser para alterá-los; enfim, que 'maneiras de fazer' formam a contrapartida, do lado dos consumidores (ou 'dominados?'), dos processos mudos que organizam a ordenação sócio-política".<sup>148</sup>*

Certeau passa a comentar, em seguida, o significado do deslocamento e redefinição do modelo da disciplinarização do poder que representam as "maneiras de fazer", explicitando também em que elas se aproximam e se distanciam de Foucault.

*"Essas 'maneiras de fazer' constituem as mil práticas pelas quais os usuários se reapropriam do espaço organizado pelas técnicas de produção sócio-cultural. Elas colocam questões análogas e contrárias às*

<sup>147</sup> Certeau, Op. cit., p. 41.

<sup>148</sup> Idem, p. 41.

*elaboradas no livro de Foucault; análogas, porque se trata de distinguir as operações quase microbianas que proliferam no seio das estruturas tecnocratas e alteram o seu funcionamento por uma multiplicidade de 'táticas' articuladas sobre os 'detalhes' do cotidiano; contrárias, por não se tratar mais de precisar como a violência da ordem se transforma em tecnologia disciplinar, mas de exumar as formas sub-reptícias que são assumidas pela criatividade dispersa, tática e bricoladora dos grupos ou dos indivíduos presos agora nas redes da 'vigilância'. Esses modos de proceder e essas astúcias de consumidores compõem, no limite, a rede de uma antidisiplina que é o tema deste livro".<sup>149</sup>*

Nas partes que compõem "A invenção do cotidiano", intituladas "Teorias da arte de fazer", "Práticas de espaço", "Usos da língua" e "Maneiras de crer", Certeau vai usar em profusão sua teoria da antidisiplina para pesquisas realizadas em campos que envolvem o "ler, conversar, habitar, cozinhar...".

Resta, ainda, uma rápida passagem por um tema que me interessa em particular e que, de resto, envolve aspectos da discussão que vimos fazendo com Rago e Carpintéro, ou seja, como o 'modelo da antidisiplina' de Certeau compreende a intervenção disciplinadora de técnicos no espaço urbano, nas cidades, e como seus habitantes, os 'caminhantes da cidade' afirmam, lançam suspeita, arriscam, transgridem, respeitam as normas que tentam imprimir direção ao seu caminhar.

São diversas as passagens em que Certeau mostra como a concepção de cidade, segundo os urbanistas, é constituída a partir de uma visão totalizante e cientificista do espaço com o objetivo de conformar a vida dos moradores da cidade a preceitos universais e técnicos, mas são bem mais exploradas as 'práticas urbanas', ou as 'artes de fazer' no urbano que nos mostram como a norma é reinventada e reordenada pelas práticas urbanas cotidianas. Há uma

---

<sup>149</sup> Idem, p. 41-2.

passagem que considero ser uma boa síntese desse estranhamento entre norma e uso, estilo e uso, ou quando a norma não é seguida.

*"Em primeiro lugar, se é verdade que existe uma ordem espacial que organiza um conjunto de possibilidades (por exemplo, por um local por onde é permitido circular) e proibições (por exemplo, por um muro que impede prosseguir), o caminhante atualiza algumas delas. Desse modo ele tanto a faz ser como aparecer. Mas também as desloca e inventa outras, pois as idas e vindas, as variações ou as improvisações da caminhada privilegiam, mudam ou deixam de lado elementos espaciais. Assim Charles Chaplin multiplica as possibilidades de sua brincadeira; faz outras coisas com a mesma coisa e ultrapassa os limites que as determinações do objeto fixavam para o seu uso. Da mesma forma, o caminhante transforma em outra coisa cada significante espacial".*<sup>150</sup>

É principalmente esta possibilidade de ver diversamente, onde em geral só se vê 'poder disciplinar', que o 'modelo' da disciplinarização perde, abandona ou muitas vezes não dá atenção, ou, quando o faz, é com sua aproximação/diálogo com outro 'modelo'.<sup>151</sup> O exemplo clássico da historiografia brasileira é "Do cabaré ao lar", de Margareth Rago, em que a relativização do poder disciplinar é feita através da sua aproximação com a noção thompsiana de 'experiência de classe e do fazer de uma cultura de classe', o que não é naturalmente objetivo da crítica de Certeau com sua idéia de antidisciplina.

---

<sup>150</sup> Idem, p. 177-178.

<sup>151</sup> Margareth Rago em "As Marcas da Pantera: Foucault Para Historiadores", identifica as seguintes obras e autores que fizeram o diálogo entre Foucault e Thompson: "A Estratégia da Recusa" (Annêris Maroni), "Ferrovia, Ferroviários" (Liliana Segnini), "O Espelho do Mundo" (Maria Clementina Cunha), "Do Cabaré ao Lar" (da própria autora), "Sacralização da Política" (Aleir Lenharo), "Campos da Violência" (Sílvia H. Lara), ao que acrescentaríamos, "Falas de Astúcia e de Angústia. O Discurso da Seca no Imaginário Nordestino" (Duryal Muniz de Albuquerque Junior, mimeo) e "A Maldição do Trabalho" (Ariosvaldo Diniz, mimeo).

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BÉGUIN, François. *Les Machineries Anglaises du Confort*. In **Recherches**, No. 29:186. Paris: L'aleine des Faubour, 1977.
- BERMAN, Marshall. **Tudo que é Sólido Desmancha no Ar**. Aventura da Modernidade. São Paulo: Companhia das Letras, 1986.
- BRESCIANI, Stella. **Londres e Paris no Século XIX: o Espetáculo da Pobreza**. 4 ed. São Paulo: Brasiliense, 1987.
- \_\_\_\_\_. (Org.) **Imagens da Cidade: Séculos XIX e XX**. São Paulo: ANPUH/Marco Zero/FAPESP, 1993.
- \_\_\_\_\_. *Metrópolis: as Faces do Monstro Urbano (as Cidades no Século XIX)*. In **Revista Brasileira de História**, vol. 5, no 8/9, São Paulo: Marco Zero, set/84-abr/1985.
- CARPINTÉRO, Marisa V.T. **A Construção de um Sonho: Os Engenheiros-Arquitetos e a Formulação da Política Habitacional no Brasil (1917-1940)**. Campinas: Unicamp, 1997.
- \_\_\_\_\_. *Imagens do Conforto: a Casa Operária nas Primeiras Décadas do Século XX em São Paulo*. In Stella Bresciani (Org.). **Imagens da Cidade: Séculos XIX e XX**. São Paulo: ANPUH/Marco Zero/FAPESP, 1993.
- CERTEAU, Michel de. **A Invenção do Cotidiano**. Artes de Fazer. Rio de Janeiro: Vozes, 1987.
- CORBIN, Alain. **Saberes e Odores**. O Olfato e o Imaginário Social nos Séculos Dezoito e Dezenove. São Paulo: Cia das Letras, 1987.
- COSTA, Jurandir Freire. **Ordem Médica e Norma Familiar**. Rio de Janeiro: Graal, 1979.
- FOUCAULT, Michel. **Vigiar e Punir**. Rio de Janeiro: Vozes, 1977.
- \_\_\_\_\_. **Microfísica do Poder**. 4 ed. Rio de Janeiro: Graal, 1984.
- MACHADO, Roberto et alii. **A Da(n)ação da Norma: Medicina Social e a Constituição da Psiquiatria no Brasil**. Rio de Janeiro: Graal, 1978.
- MOREIRA, Fernando D. **A Construção de Uma Cidade Moderna**. Recife (1909-1926). Dissertação de Mestrado em Desenvolvimento Urbano (UFPE), Recife, 1994. (mimeo)
- PECHMAN, Robert M. *Os Excluídos da Rua: Ordem Urbana e Cultura Popular*. In Stella Bresciani. (Org.). **Imagens da Cidade: Séculos XIX e XX**. São Paulo: ANPUH/Marco Zero/FAPESP, 1993.
- RAGO, Margareth. **Do Cabaré ao Lar**. A Utopia da Cidade Disciplinar. Brasil 1890-1930. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1985.
- \_\_\_\_\_. *As Marcas da Pantera: Foucault para Historiadores*. In **Revista Resgate**, No. 5, Campinas: Centro de Memória/Papirus, 1993.

- \_\_\_\_\_. *O Efeito-Foucault na Historiografia Brasileira*. In **Tempo Social**. Revista de Sociologia. São Paulo:USP, 7(1-2), 67-82. outubro de 1995.
- SOUSA, Fabio G. R. B. **Campina Grande: Culturas e Reforma Urbana nos Anos 1930 e 1940**. Projeto de Doutorado em História da UNICAMP. mimeo, 1996.
- \_\_\_\_\_. *Urbanização em Campina Grande: Caminhos e Personagens (1970-1980)*. In **Cadernos de História**, vol 3, no 1, janeiro/junho de 1996; Natal: UERN.
- THOMPSON, E. P. *As Peculiaridades dos Ingleses. Textos Didáticos*. No 10. Campinas: IFCH/UNICAMP, maio/1993.
- WHITE, Hayden. **Trópicos do Discurso**. São Paulo: EDUSP, 1994.